

RESENHA: A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2006 (Mundo do Trabalho).

Clotenir Damasceno Rabelo¹

A educação para além do capital é um texto publicado a partir da conferência pronunciada por István Mészáros, por ocasião da abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado em Junho de 2004, em Porto Alegre. O ensaio apresenta uma reflexão de natureza dialética na direção do fortalecimento da determinação dos que lutam contra o domínio do capital, a exploração e a opressão, sobretudo no campo do trabalho. A obra apresenta o debate acerca da possibilidade da superação da lógica do capital, por meio de processos educativos amplos, nos quais se anuncia a instauração de uma sociedade para além do capital.

O texto, partindo de três epígrafes atribuídas pelo autor a Paracelso, pensador do Século XVI, a José Martí, político, poeta e pensador cubano, e a Marx, em *Teses sobre Feuerbach*, traz a análise com vistas à urgente necessidade de se instituir uma mudança que nos leve para além do capital, “no sentido genuíno e educacionalmente viável do termo” (p. 25). O exame discute as relações íntimas entre processos educacionais e processos sociais amplos de reprodução do capital em quatro aspectos básicos: primeiro, no embate entre os parâmetros estruturais do capital – que se colocam com uma lógica irreversível e incontestável – e a necessidade de romper com essa lógica para a criação de uma alternativa educacional diferente, mediante a natureza irreformável do capital como totalidade reguladora sistêmica; segundo, na clareza de que as possíveis soluções não podem ser *formais*, apenas como alterações superficiais, mas devem atingir o patamar de mudança *essencial*, abrangendo a totalidade das práticas educacionais da sociedade

¹ Mestre em Educação. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: clotenirdr@gmail.com

e seus processos de internalização dos parâmetros reprodutivos gerais do sistema do capital; terceiro, na compreensão de que apenas uma ampla concepção de educação pode assegurar a luta pelo objetivo de mudança radical requerida e a aquisição de instrumentos de pressão capazes de provocar o rompimento com a lógica mistificadora do capital; quarto, na defesa de que o papel da educação é estratégico tanto para a mudança das condições objetivas de reprodução quanto para a automudança dos indivíduos envolvidos na luta pela construção de uma nova ordem social metabólica radicalmente diferente.

Na primeira seção do texto, evidencia-se a ideia de que as reformulações que possam acontecer na educação são inconcebíveis sem a transformação também no quadro social. O autor recusa a noção de reforma que se proponha apenas a correções marginais, mantendo intactas as estruturas fundamentais da sociedade e conformando-se às exigências da lógica do capital. Para Mészáros, esta modalidade utiliza-se das reformas educacionais para apenas remediar os efeitos desastrosos da ordem produtiva, mas não elimina os “fundamentos causais e profundamente enraizados”. Para o autor, “limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 27 – grifos do autor). Exemplificando: Mészáros examina a experiência de Adam Smith, economista político, e de Roberto Owen, reformador social educacional utópico. Sobre Smith, atesta que mesmo que este ilustre iluminista reconheça o impacto negativo do sistema sobre a classe trabalhadora, sua análise atribuindo ao “espírito comercial” a causa do problema é incapaz de se dirigir às causas reais, reduzindo seu esforço de expressar sua preocupação humanitária a um círculo vicioso de apontar apenas “os efeitos condenados”, dando assim prevalência aos limites objetivos da lógica do capital. Ao tratar da posição de Robert Owen, reconhece sua posição de denúncia da exploração e instrumentalização do empregado pelo empregador, mas condena no seu discurso – com marcas de parcialidade, gradualismo e circularidades – sinais de conformação aos debilitantes limites do capital. Neste caso, Mészáros observa que Owen “não pode escapar à autoimposta camisa de força das determinações causais do capital” (MÉSZÁROS, 2008, p. 35). Numa conclusão ao tópico, o autor lembra que “[...] o sentido da

mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema” (Idem).

A persecução de estratégias de rompimento com o controle exercido pelo capital é explicitada na segunda seção do texto com a defesa de que as soluções devem ser buscadas não apenas na dimensão *formal*, mas no que é *essencial*. O autor reconhece que a educação institucionalizada serviu, nos últimos 150 anos para fornecer condições técnicas e humanas à expansão do capital, ao mesmo tempo em que contribuiu para instalar valores que legitimam os interesses dominantes e que negam alternativas possíveis a esse modelo. Distanciando-se de uma posição reprodutivista, Mészáros advoga que não basta simplesmente reformar o sistema escolar formal estabelecido, porque isso traduziria apenas uma mudança institucional isolada. “O que precisa ser confrontado é *todo* o sistema de *internalização*, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas” (MÉSZAROS, 2008, p. 47 – grifos do autor). A internalização, entendida como o esforço do capital em fazer com que cada indivíduo incorpore como suas as metas de reprodução do sistema, legitimando sua posição na hierarquia social e conformando suas expectativas e sua conduta ao estipulado pela ordem estabelecida, insere-se como instrumento que conforma a totalidade das práticas sociais, entre elas, a educação, ao interesse do capital.

Romper com a lógica do capital na área de educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa *concreta* abrangente. (MÉSZAROS, 2008, p. 47 – grifos do autor).

A tarefa acima requerida aparece na terceira seção, condicionada ao fortalecimento de uma concepção de educação ampla e mais profunda, nos moldes de Paracelso, vendo a “aprendizagem como nossa própria vida”. Neste rumo, o autor se coloca, a exemplo de Gramsci, contra a visão tendenciosamente elitista e estreita de educação que pleiteia o domínio da instituição educacional formal como único espaço de educação e define a educação e a atividade intelectual como possibilidade apenas dos que são designados para “educar” e para governar, em detrimento da maioria, à qual é reservado o papel de objeto de manipulação. Mészáros assevera a posição profundamente democrática de Gramsci como o caminho mais claro para a concepção ampla de educação, na qual todo ser humano

contribui para a formação de uma concepção de mundo ao mesmo tempo em que pode contribuir para manter ou mudar esta concepção . A educação, reconhecida, no seu entendimento amplo, é um processo contínuo de aprendizagem. “Temos de reivindicar uma educação plena para toda a vida, para que seja possível colocar em perspectiva a sua parte formal, a fim de instituir, também aí, uma reforma radical” (MÉSZAROS, 2008, p. 55). A reforma significa, segundo o autor, desafiar as formas atualmente dominantes de internalização existentes no sistema educacional formal, pôr em execução urgentemente uma atividade de “contrainternalização” coerente e sustentada na direção da criação de uma alternativa ao que já existe . Significa que a educação formal precisa desatar-se do revestimento da lógica do capital e mover-se em direção a práticas educacionais mais abrangentes O bem sucedido processo de redefinição da tarefa da educação formal num espírito orientado para a construção de uma alternativa hegemônica à ordem existente irá contribuir para romper com a lógica do capital não somente em seu campo, mas em toda a sociedade.

No quarto tópico, Mézáros trata a educação como uma “transcendência positiva da autoalienação do trabalho”. A análise atesta as condições desumanizantes da alienação em que vivemos e afirma que, para a mudança dessa condição, exige-se uma intervenção consciente em todos os domínios e níveis da existência individual e social, “em toda a nossa maneira de ser”. O autor considera que estando na raiz de todos os tipos de alienação a historicamente revelada *alienação do trabalho*, torna-se possível superar a alienação com a reestruturação radical de nossas condições de vida estabelecida até então, já que o processo histórico se constitui pelo próprio trabalho. Mas isso não pode ser apenas uma questão de negação. Para Mézáros (2008, p. 61), “a tarefa histórica que temos de enfrentar é incomensuravelmente maior que a negação do capitalismo”. Ir para além do capital significa a realização de uma ordem social metabólica sem nenhuma relação nem ranços com a ordem anteriormente hegemônica. Por essa razão,

O papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a *automudança consciente* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZAROS, 2008, p. 65, grifos do autor).

Para esse fim, a universalização da educação e a universalização do trabalho são peças fundamentais, sem as quais não pode haver solução para a autoalienação do trabalho. Tal realização pressupõe necessariamente a igualdade verdadeira – substancial e não apenas formal – de todos os seres humanos. Apenas na perspectiva de *ir além do capital* essa universalização e igualdade podem ser vistas, porque a educação para além do capital almeja uma ordem social qualitativamente diferente.

No nosso dilema histórico definido pela crise estrutural do capital global, época onde se evidencia uma condição histórica de transição, define-se também um espaço histórico e social aberto à ruptura com a lógica do capital e à elaboração de planos estratégicos na direção de uma educação para além do capital. Nesse ambiente, a tarefa educacional é uma tarefa de transformação social, ampla e emancipadora. A educação deve ser articulada e redefinida no seu inter-relacionamento com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso.